

"Eu nasci com o diabo em mim. Eu não pode evitar o fato de que eu era um assassino, não mais do que um poeta pode evitar a inspiração ou um homem intelectual a ambição de ser grande."

H. H. Holmes

Ur
SO

eres que vendia ao m
na, para o assassino
da morte.

H. H. Holmes

Herman Webster Mudgett, conhecido também como Dr. Henry Howard Holmes, foi um assassino em série estadunidense do século XIX, considerado o primeiro do país.

O 1º Serial Killer americano

De médico a ladrão de cadáveres destinados ao mercado negro e faculdades de medicina, para o assassino da feira anual de Chicago, no Castelo da morte.

H. H. H.
Autobiografia em sua 1ª
tradução, por Aukai Leisner

Depois de estudar medicina em
milhares, nasceu em, estudando a arte do
assassinato e tornando-se um serial killer de
verdade. Holmes chegou a Chicago alguns
anos antes de se tornar um assassino serial.

Horridamente, mantinha no porão de
seu hotel um calabouço da morte,
em que atraía as suas vítimas,
nestejando-as logo em seguida.

ASSASSINATO, BIGAMIA
ESTELIONATO, ROUBO

Quando o hotel finalmente ficou pronto, e
fez do andar térreo a farmácia, que, a es-
altura, já era sua. Em seguida, nomeou
lugar como "Hotel da Feira Nacional".

EDITORIAL HOPE & LABORALIVROS

Editor chefe
JÉSSICA MILATO

Editor responsável
TARIK VIVAN ALEXANDRE

Produção & projeto gráfico
LUA BUENO CYRÍACO

Tradução
AUKAI LEISNER

Revisão
DAVI MIRANDA

Um projeto de tradução ainda inédita no Brasil

editorahope.com
laboralivros.com

HOLMES' PRICE, 25 CENTS .

OWN STORY

in which the
Alleged
Multi-
murderer
and Arch
conspirator
tells of
twenty-two
Tragic
deaths and
disappear-
ances



in which
he is said
to be
Implicated,
with
Moyamen-
sing
Prison
Diary
Appendix

*H. W. Mudgett M.D.
H. H. Holmes*

ACCUSED OF MORE CRIMES THAN ANY OTHER MAN LIVING

PHILADELPHIA
BURN & MCFETRIDGE CO.
1895

A HISTÓRIA DE HOLMES POR ELE MESMO
Em que o Suposto Multi-Assassino e Arqui-Conspirador
Conta sobre as Vinte e Duas Trágicas Mortes e
Desaparecimentos de que o Acusa a Polícia.

Apêndice do Diário da Prisão de Moyamensing

Filadélfia

Burk & McFetridge Co. - 1895

O texto a seguir é uma amostra do livro que será publicado pela Editorial Hope, intitulado “H. H. Holmes, o 1º serial killer americano”. Esta publicação contará, em um único volume, com os três textos distintos a seguir:

A História de Holmes por ele mesmo: Este texto se trata do que o próprio Mudgett (Holmes) escreveu enquanto ainda sob julgamento, em que afirmava não ter assassinado ninguém.

Holmes confessa 27 assassinatos: Também escrito por Holmes e publicado no Chicago Tribune após sua condenação. Aqui, ele admite ter matado 27 pessoas, incluindo algumas que descobriu-se estarem ainda vivas à época do julgamento.

O Castelo de Holmes: Neste texto, um repórter contemporâneo de Holmes, Robert L. Corbitt, expõe sua visão sobre o caso e publica fatos adicionais baseados em suas próprias investigações do Castelo de Holmes. Entre suas descobertas, estava um segundo prédio, de propriedade de Holmes, onde possivelmente muitos outros corpos foram enterrados.

Além disso, páginas extras com fac-símile dos jornais da época que cobriam a investigação e julgamento de Holmes.

Aqui, o trecho escolhido pertence ao texto “A história de Holmes por ele mesmo”.

**Conheça um pouco do projeto
e adquira o seu pelo Catarse!**



ESTE ponto, seria oportuno lembrar um curioso incidente, que durou alguns dias, relacionado a uma de minhas tentativas de fraude. Tal episódio ocorreu pouco depois da morte de meu colega de profissão e antigo camarada dos tempos de universidade.

O triste anúncio de sua morte me pusera a refletir. Passei a considerar seriamente a possibilidade de levar a cabo os planos que eu e meu amigo havíamos passado tantos dias e noites elaborando. A perspectiva era boa e, finalmente, determinei-me a pôr em prática ao menos um deles. Mas o faria sem nenhum auxílio, sem nenhum aliado.

Algum tempo antes, enquanto ainda estava em Minneapolis, fiz um seguro de vida no valor de \$20,000, em favor de minha mulher. A possibilidade de fracasso nessa empreitada, em que eu honraria meu falecido amigo, fez de mim um homem desesperado porém determinado, a qualquer custo, a conseguir o que queria. Os lucros potenciais eram extremamente sedutores. A chance de detecção, bem com de todos os demais acidentes graves que poderiam ocorrer, deveria ser levada em consideração.

Ao calcular qual havia sido a renda bruta em operações similares, o resultado mostrou-me que, com o modesto investimento de \$3,950, minha renda total final seria de \$68,700. Vê-se claramente que essa empreitada seria bem mais lucrativa que qualquer negócio honesto.

Tendo pago os tributos sobre a minha apólice de \$20,000 até o mês de junho de 1887, era chegada a hora de agir.

A fim de converter o título em dinheiro antes de primeiro de setembro, fui a Chicago e tive uma longa conversa com um conhecido, que trabalhava como assistente na Faculdade de Medicina X, sobre certos detalhes de meu plano.

No entanto, a tarefa de encontrar um corpo que fosse um bom substituto para o meu próprio provou-se mais difícil do que pensei. Eu tinha o cabelo espetado, algo que não poderia ser imitado artificialmente, de modo que era absolutamente imperativo encontrar um sujeito que fosse igualmente dotado daquela peculiaridade. Seguiu-se uma espera angustiosa, de quase duas semanas de visitas diárias ao necrotério da faculdade para inspecionar os “recém-chegados”, corpos que haviam chegado nas últimas vinte e quatro horas.

Finalmente, no dia 20 de maio, minha paciência foi recompensada. Fui informado de que um homem havia morrido ao cair acidentalmente de um trem de carga. Após a chegada do cadáver, fiz-lhe um exame extremamente crítico e minucioso, concluindo que se tratava exatamente do que eu precisava. Tendo combinado com o hospital os detalhes para obter a posse do corpo, comecei a planejar a melhor maneira de transportá-lo.

Todas as precauções que a mente pode conceber e o corpo executar teriam que ser mobilizadas. Não poderia haver nenhuma brecha para surpresas ou vexames; e eu teria que dar conta de tudo sozinho.

Foi então que teve início uma série de circunstâncias extraordinárias e sinistramente interessantes.

Sabendo que contava com um amigo fiel num certo carregador de trem, dirigi-me imediatamente a sua residência. Qual não foi minha surpresa ao descobrir que ele estava morto - que já havia morrido, na verdade, há algum tempo. Naturalmente, tive que abandonar qualquer pretensão de assistência de sua parte.

Conversando com o zelador da faculdade, descobri que havia na vizinhança um carregador que poderia prestar o serviço de que eu necessitava, uma vez que o sujeito já havia sido contratado por médicos para “trabalhos externos”. Fui até o endereço desse homem e, ao encontrá-lo, logo perguntei-lhe: “Quanto você me cobraria para levar um corpo da Faculdade X até a Estação Polk Street?” “Cinco dólares”, foi sua resposta, valor que me pareceu razoável.

Em seguida, fomos até o local em que eu havia encomendado a feitura de um baú especial. Tratava-se de uma peça extra-grande, que por fora parecia uma daquelas malas revestidas de ferro, à prova de roubo, que os comerciantes de joias chamam de caixa de amostra. Por dentro, o modelo era bastante elaborado. A maior parte dele era ocupada por uma grande caixa de zinco, de dimensões suficientes para acomodar um homem de juntas dobradas. Tal caixa interior era fechada por uma tampa de madeira, a fim de abafar qualquer ruído que pudesse ser causado pelo gelo que seria colocado ao redor. O baú, além de tudo, era à prova d’água; mas será que aguentaria uma viagem de trem sem considerável desgaste e possível destruição?

Levamos o baú até a faculdade, e o corpo foi nele depositado com a ajuda do carregador, que não parecia apreciar esse tipo de trabalho. Às vezes, ele parecia fraquejar, e o vi ficar pálido uma ou duas vezes. Depois que o corpo havia sido cuidadosamente acomodado e estava pronto para ser transportado à estação, percebemos que era ainda cedo demais para removê-lo.

Enquanto esperávamos, fomos até um bar para nos refrescar. Algum tempo e algumas doses mais tarde, John tomou coragem e disse:

“Não posso fazer esse trabalho por apenas \$5.”

“Por que não?” perguntei, bastante surpreso.

“Porque eu terei que fazer de minha carruagem um carro funerário, e trabalhar como condutor, agente funerário e carregador de cadáver. Meu preço é \$35. Se eu não receber essa quantia, informarei a polícia sobre o que houve aqui.”

Obviamente não aceitei esse disparate e protestei; recorrendo, porém, a

meu traquejo diplomático, consegui aplacá-lo oferecendo \$5 no ato e prometendo os trinta restantes quando chegássemos à estação.

Tal arranjo lhe era favorável pois, se eu me recusasse a pagar-lhe, ele poderia ir diretamente à polícia.

O baú enfim chegou à Estação Central de Illinois e, após tê-lo colocado na plataforma, o condutor virou-se para mim e exigiu seus \$30.

Essa era a brecha que eu esperava.

“Não lhe darei nenhum centavo a mais!”, disse-lhe eu.

“Ah, o senhor pagará o que me deve!”

“Além disso, exigirei que o senhor devolva meus \$5, por haver tentado me extorquir.”

“O senhor só pode estar brincando! Agora dê-me os \$30 ou contarei tudo à polícia!”

“Faça como quiser, mas antes escute o que tenho a dizer e responda minhas perguntas. O senhor por acaso não nos auxiliou, a mim a ao zelador, a colocar o cadáver no baú? O senhor não o transportou até aqui? Não me assistiu em todo esse trabalho?”

“Sim.”

“Aquele homem foi assassinado. Se contar qualquer coisa a quem quer que seja, farei com que o senhor seja preso como cúmplice.”

O condutor ficou obviamente bastante assustado: seus olhos arregalaram-se e quase saltaram para fora da órbita, e seu cabelo assumiu uma posição vertical.

“O corpo deve ser depositado no lago,” continuei, “onde as ondas o enterrarão e ele sumirá para sempre. Espero que esteja compreendendo.”

Ele então me disse que não queria mais dinheiro e que, como eu já conhecia seu endereço, poderia contar com ele sempre que precisasse.

Tendo comprado minha passagem para Michigan e checado meu baú, iniciei minha aventura rumo ao Norte.

Tudo ia às mil maravilhas até nosso trem se aproximar da cidade de Grand Rapids. Subitamente, minha atenção dirigiu-se à seção de bagagens, na parte anterior do vagão que eu ocupava, onde um grupo de funcionários parecia inspecionar um baú

Levantei-me para olhar mais de perto e fiquei quase paralisado de terror ao perceber que se tratava do meu baú e que os homens falavam como se suspeitassem que havia algo de errado com ele.

Imediatamente, mudei meus planos de ir direto ao Norte, e encontrava-me num estado de excitação febril quando chegamos a Grand Rapids. Assim que o baú foi depositado na sala de bagagens, fui até lá e fiz menção de pegá-lo. Neste momento, percebi que um homem estranho olhava para mim e para o

baú - encarava-nos de tal maneira que senti-me deveras constrangido. Fingi que não o notava, obtendo assim um ângulo melhor para examiná-lo. Logo conclui que tratava-se de um agente do serviço secreto e que eu havia sido “descoberto.”

Concluindo que o momento exigia uma ação célere e decisiva, fui até o telégrafo e enviei uma mensagem para o hotel, endereçada a mim mesmo, com o seguinte conteúdo:

“Holmes. Cuide de meu baú que saiu de Chicago pela manhã.

Ass.: HARVEY.”

A inicial “H” era a mesma que constava no meu baú e, quando cheguei ao hotel, mostrei o telegrama ao atendente, que guardou-o para mim. Em seguida, reservei duas suítes adjacentes, uma para mim e outra para Harvey, e solicitei que um bagageiro fosse buscar o baú; ao vê-lo no quarto, entendi imediatamente o que havia atraído a atenção dos funcionários do trem. Minhas suspeitas se confirmaram: um odor terrível emanava do baú, o que me levou a concluir que o homem havia estado morto há bem mais tempo do que afirmaram os residentes e que, portanto, eu havia sido enganado.

Já temendo que um tal imprevisto surgisse, enquanto ainda estava no trem eu concebera um plano de transferir o corpo do baú de Chicago para outro, que eu providenciaria ao chegar.

Após trancar meu quarto cuidadosamente, comecei a procurar um outro baú adequado, não sem antes avisar o atendente que minha bagagem estaria disponível em aproximadamente uma hora. A noite começava a cair, e eu não tinha tempo a perder.

Após uma breve procura, encontrei um baú usado que servia perfeitamente a meus propósitos. Pedi que sua fechadura fosse trocada e, enquanto o serviço era feito, fui a algumas casas de material hidráulico e comprei uma quantidade considerável de canos de chumbo antigos, que foram cortado em tamanhos apropriados e, em seguida, embalados. Depois, fiz algumas viagens à loja de baús, cada vez colocando um pacote daquele pesado material dentro do novo baú; completada essa tarefa, o baú carregado foi enviado ao hotel. Tudo isso foi feito para fazer parecer que o baú continha meus pertences.

O dia havia sido quente, e a noite também prometia ser abafada. Eu não poderia perder tempo - era preciso arrumar tudo e evitar surpresas.

Durante minhas visitas à loja de baús, percebi que o homem que eu havia visto na estação de Grand Rapids estava me seguindo, de modo que tornei-me ainda mais vigilante.

Como eu disse, a noite seria quente; eu sabia bem que em pouco tempo todo o andar que eu ocupava no hotel seria infestado pelo odor pútrido do cadáver no baú.

Saí novamente à rua e comprei uma mala de caça à prova d’água, a qual

carreguei com uma quantidade considerável de gelo. Levei-a até meu quarto e depositei o gelo na banheira.

Em seguida, tirei os canos de chumbo do baú novo e coloquei-o ao lado do antigo, no quarto adjacente.

Enquanto eu assim procedia, a atmosfera tornou-se tão sufocante que fui obrigado a abrir a janela, a qual dava para o telhado de um alpendre. Nesse momento, no entanto, a noite já estava bastante escura, de modo que decidi postergar o trabalho para depois do jantar.

Ao entrar na sala de jantar, vi, pelo reflexo do espelho, o olhar daquele misterioso estranho me seguindo. Fiquei perturbado, e não apreciei devidamente a comida.

Após a refeição, procurei relaxar um pouco e, em seguida, voltei para o quarto.

Uma vez lá, dirigi-me diretamente ao banheiro, drenei a água do gelo e preparei um lugar para o corpo na banheira. Quando concluí satisfatoriamente essa tarefa, fui buscar o cadáver no baú. As precauções que eu havia tomado em relação ao equilíbrio e à firmeza das cordas foram bem-sucedidas, mas o rosto que me encarou estava cansado, manchado, medonho; apesar de tudo, seus traços ainda lembravam os meus próprios.

A visão era repugnante; porém, ao refletir sobre a situação, lembrei-me de que, após mais alguns aborrecimentos, teria ao menos \$20,000 a mais na conta, e passei a encarar aquilo tudo como um excelente investimento prestes a dar frutos.

As possibilidades monetárias da empreitada me inspiravam devaneios, mas eu sabia que agora precisava agir rápido. Soltei as amarras, ergui o corpo e o levei até a banheira, onde ele deveria congelar o bastante para mais um dia de transporte.

Ali, sob a luz cintilante de uma lâmpada de gás solitária, jazia o corpo mortal de... eu não sabia quem.

Tomei-o como minha propriedade e, ao estudar suas formas agora rígidas, estranhas perguntas surgiram em minha mente.

Quem era ele? O que havia sido? Um pai, um amante, um irmão? Seria sua ausência notada? Teria alguém que se preocupasse com ele? Ou seria ele, como eu, uma ovelha desgarrada? Até então, tais pensamentos não me haviam incomodado, mas agora que ele jazia em sua cama de gelo, vi-me fascinado pela terrível solenidade de sua morte e não consegui me afastar da cena.

A lâmpada tremeluziu, uma porta se abriu devagar e, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, surgiram diante de mim os olhos daquele estranho misterioso - o homem do serviço secreto - que me apontava o cano resplandecente de um revólver.

Não trocamos nenhuma palavra, mas nossos olhos dirigiram-se instintivamente para o objeto na banheira.

“Considere-se preso, senhor”, disse o intruso.

“Estou a sua disposição”, respondi, sabendo que seria inútil discutir naquelas circunstâncias.

Enquanto ele pegava as algemas em seu bolso, fiz uma resolução mental: me livraria do sujeito de maneira tal que ele ficaria contente em também livrar-se de mim.

Quando o homem entrou no quarto ao lado, eu estava pronto para encará-lo; ele mantinha a pistola apontada para mim com uma mão e tentava tirar as algemas do bolso com outra.

Pelo brilho em seus olhos, pude ler o caráter daquele homem como se estivesse impresso numa folha. Era parte do jogo e, embora ele parecesse bem preparado, eu pretendia usar todos os meus recursos, incluindo meu grande trunfo: o dinheiro.

No entanto, minha situação tornou-se desesperadora quando vi que havia outro policial no quarto; uma olhada rápida para a janela revelou-me como eles haviam entrado.

Quando entramos na sala, o homem que portava o revólver, bem mais corpulento que seu parceiro, olhou para mim e deu uma piscadela.

“John, vá para a delegacia e espere até que eu lhe chame, e não diga nada a ninguém até que eu lhe ordene”, disse meu captor a seu companheiro.

Depois que “John” saltou a janela e começou a andar pelo telhado do alpendre, o outro virou-se para mim e disse:

“Muito bem, senhor, peguei-lhe no flagra. Parece que a força lhe aguarda.”

“Meu caro senhor, espero que me dê a oportunidade de explicar-me. Aquele homem era meu irmão e acabou de morrer de uma doença maligna e altamente contagiosa. Ele fora enviado a uma faculdade de medicina para dissecação e eu, quando soube desse fato, determinei-me a resgatar o corpo. Venha, aproxime-se e olhe novamente - o senhor não nota uma semelhança de família?”

À medida que eu falava, o homem foi se afastando e, quando lhe fiz o convite, seu rosto empalideceu. Suas mãos tremiam e suavam profusamente, de modo que a pistola caiu no chão com um grande estrondo.

Percebi que o momento era crítico e que deveria agir imediatamente; consegui me apossar da arma e, ao fazê-lo, ordenei-lhe que, se tivesse qualquer apreço por sua vida, saltasse imediatamente da janela.

O homem não perdeu tempo e, quando sua forma já desaparecia no final do alpendre, disparei um tiro no ar.

Isso, é claro, acabou trazendo o dono do hotel e alguns outros hóspedes à minha porta, a qual, após insistentes batidas, acabei por abrir.

Eu estava num estado de excitação febril, e gritei: “Vejam, lá vai ele!”. Aquele aglomerado de homens e mulheres em trajes noturnos correu até a janela, o que me deu uma oportunidade para fechar a porta do banheiro. Que alívio! Escapei por pouco, e consegui mitigar as suspeitas dos curiosos alegando que um homem havia tentado me roubar e que, quando efetuei o disparo, ele pulou do telhado.

A figura de um homem correndo era ainda discernível na escuridão quando eles foram à janela, o que ajudava a corroborar minha explicação.

Depois que os hóspedes foram embora, o dono do hotel me ofereceu outro quarto - oferta que eu obviamente recusei.

Agora começaria o verdadeiro trabalho. O dono do hotel estava aparentemente satisfeito com minha explicação, mas percebi nele um olhar suspeito que me fez erguer a guarda.

Pela manhã, assim que possível, enchi o baú antigo com os canos de chumbo, tirei meu amigo de sua cama de gelo e coloquei-o no novo baú. Ao sair para o café da manhã, expliquei ao hoteleiro que eu teria que ir de trem a um lugar um pouco distante, mas que deixaria o baú de meu amigo no quarto, já que ele poderia aparecer a qualquer momento.

Solicitei ao carregador, portanto, que levasse o baú recém-carregado à estação, onde ele também comprou-me um bilhete e fez a checagem do baú para o meu suposto destino.

Planejei-me para chegar à estação assim que o trem saísse e, certificando-me de que não havia ali mais ninguém, embarquei no vagão para fumantes.

Eu sabia que, se o detetive viesse atrás de mim, ele iria imediatamente para o hotel. Encontrando lá meu baú, ele naturalmente esperaria um tempo, dando-me assim uma vantagem considerável.

Quando estávamos a cerca de 50 quilômetros de Grand Rapids, desci para pegar um jornal. A banca era próxima ao telégrafo da Western Union e, enquanto observava o operador, ele recebeu a seguinte mensagem:

“Alerta para homem com um baú negro. Saiu esta manhã. Prenda-o e mantenha-o sob custódia.”

Perguntei-lhe com naturalidade, embora talvez com um olhar estranho, qual era a distância até X, meu destino.

“Aproximadamente oitenta quilômetros,” foi a resposta do operador; sem levantar os olhos, chamou um menino para levar a mensagem até o policial da estação. Mas já era tarde demais. O trem partiu, eu saltei para dentro e imediatamente procurei o carregador de bagagens. Mostrei-lhe meu bilhete e pedi-lhe que despachasse meu baú na próxima estação, a 15 quilômetros de distância, e ele assim o fez. Tratava-se de um lugar bastante deprimente. Quando desembarquei, deparei-me com um chuva forte, que obviamente caía desde o início da

noite. A lama chegava quase a cobrir as rodas dos vagões de carga e a perspectiva de ficar ali não era nada agradável.

Fazendo algumas perguntas, descobri que eu poderia ir a um cidade a vinte e pouco quilômetros dali, que se ligava a outra estrada de trem; para fazê-lo, no entanto, teria que ir de carruagem. Determinei-me a ir mesmo assim, uma vez que o detetive, quando descobrisse que eu lhe tinha escapado, certamente revistaria todas as estações entre Grand Rapids e meu destino final.

Tive dificuldade de encontrar uma condução sem motorista - não poderia envolver outra pessoa na empreitada, pois o baú havia novamente se tornado um problema, em função do terrível odor que exalava do cadáver.

Como eu disse, enfrentei dificuldades consideráveis para obter o veículo, tendo pago por ele uma soma exorbitante, suficiente para comprar vários modelos. Após acomodar cuidadosamente o baú na traseira da decadente carruagem, comecei a angustiante viagem.

Após sete horas da pior viagem que já enfrentei, cheguei a uma pequena cidade, da qual um trem misto estava prestes a sair. Tratava-se de um daqueles trens de horário flexível, de modo que o condutor concordou em postergar a partida por meia hora.

Meu propósito com tal adiamento era conseguir uma chance de refrescar um pouco o cadáver. Não me foi possível encontrar gelo e, como não havia nenhum drogaria na cidade, fui ao armazém, acordei o proprietário e comprei dele algumas garrafas de amônia - substância que, quando combinada com uma ou duas outras coisas simples, formava uma solução que tornaria a companhia de meu silencioso amigo olfativamente mais agradável.

Tal tentativa de preservação foi realizada na privacidade do vagão de bagagens, e tudo correu bem até aproximadamente cinco quilômetros antes de chegarmos ao meu destino. Por negligência de algum trabalhador, um dos trilhos estava com a eclissa desparafusada, de modo que o trem descarrilou.

O engenheiro morreu e o condutor ficou gravemente ferido, bem como dois ou três outros passageiros. Eu escapei por uma janela e, após ajudar alguns dos feridos que precisariam de atendimento cirúrgico, dirigi-me ao vagão de bagagens. O carro, assim como a maior parte das bagagens, estava em ruínas. Meu baú e outros dois estavam intactos, e enquanto aguardávamos a chegada do trem e da equipe de resgate, voltei a divagar.

Éramos um grupo numeroso. Um morto, alguns feridos, todos os sobreviventes ansiosos. A manhã acabara de raiar, e a chuva cessara; subitamente, enxerguei ao

longe, através da neblina, uma nuvem de fumaça e vapor que anunciava a chegada de um trem.

Algo me dizia que eu estava prestes a ser confrontado com alguma ocor-

rência desagradável e, antecipando a realização de tal premonição, rapidamente levei meu baú a um pequeno galpão. Não me espantei, portanto, quando vi que o primeiro homem a desembarcar era o obstinado detetive de Grand Rapids. Ele também me viu, embora não parecesse agora muito preocupado, pois sabia que, em plena luz do dia e sem nenhum trem à vista, eu não poderia escapar.

Finalmente, ele abordou-me e entramos num “acordo” para que meu báu fosse levado até o entroncamento da estrada - acordo esse com o qual fiquei plenamente satisfeito e, creio, ele também, mas cujo conteúdo não posso revelar, pois tal oficial ainda é vivo.

Era um dia escuro e melancólico quando cheguei ao ermo selvagem das terras madeireiras do norte do Michigan. Logo que me estabeleci numa cabana, espalhou-se o rumor de que eu seria um grande negociante de madeiras, o que me rendeu a estima dos bravos talhadores e descascadores da região. Aqueles homens me pareceram todos honestos. Certo dia, adentrei a magnífica floresta verde e nunca mais retornei.

Cerca de uma semana depois, meu suposto corpo foi encontrado sob uma árvore tombada. Encontrou-se dinheiro e documentos nas roupas, o que estabeleceu minha identidade acima de qualquer suspeita.

Assim, no dia 2 de setembro, após enorme esforço e emocionantes fugas dos agentes de lei, acrescentei a meu patrimônio a bela soma de \$20,000.

Quando o baú já não me servia mais, dei-o de presente a um amigo, sem, no entanto, contar-lhe o propósito a que havia servido aquela excelente arca.

Alguns anos depois, ao visitá-lo em sua casa, contei-lhe a história toda. Ele e a mulher declararam então que muitas vezes haviam encontrado o baú aberto - sem que ninguém o tivesse tocado - mesmo tendo fechado-o e trancado-o no dia anterior.

Continua...

RECORTES

Matérias, artigos e notícias
que envolvem o famoso assassino
H. H. Holmes, recolhidos de vá-
rios jornais e revistas da época.

pesquisa realizada pela equipe
da Editora Urso

HOLMES IS INNOCENT

The Claim Advanced by a
Detective.

HE SAYS PITZEL IS STILL ALIVE

OTHER REPORTED VICTIMS ALIVE

He Claims to Have Full Proof of His
Assertions — Nannie Williams
Was Killed by Her
Sister.

CHICAGO, Jan. 22. — A local paper
says:

If the story told by Robert Corbett, a
private detective who has been in this
city for a few weeks working on the
Holmes case, is true, H. H. Holmes is
not guilty of committing a single murder
in Chicago.

The Pitzel murder case is now pend-
ing in the supreme court of Pennsylva-
nia, and will come up for a hearing with-
in a few days, and the defense is making
a determined effort to secure the re-
versal of the finding of the jury and
lower court on technical grounds. If
these fail, then the information gath-
ered by the defense will be restored to,
and it is expected that they will be able
to prove beyond a doubt that the alleged
victim, Benjamin Pitzel, is alive and
living within a radius of 100 miles of the
city of Chicago, at the present time.

Corbett, who has been running down
the various stories charging Holmes
with murder in Chicago, claims to have
evidence showing that H. H. Holmes
did not commit a single murder in the
of Chicago, and that Holmes' confession
regarding the death of Nannie Williams
is substantially correct.

The girl was beyond a doubt, killed on
July 6, at the flat occupied by Holmes
and Minnie Williams, at 1220 Wright-
wood avenue. The body was taken to
the Castle and burned. The skull found
by the police at the Castle was that of
Nannie Williams, as the mark and frac-
tures show.

Corbett also makes the following state-
ment:

"That Minnie Williams is alive and
has been seen on streets of this city
within the past two weeks; that Emilie
Cigrande is alive and is now living in
Iowa; that Julia Connors and her
daughter Pearl are alive and at present
living in Michigan, and that Holmes
will be able to prove a complete alibi in
regard to the murder of Howard Pitzel.

"Holmes was a peculiar man, and his
relations with various young women was
the cause of his present predicament"

The Dallas Chronicle
23 de Janeiro de 1896

BODIES FOUND ON FARM MAY BE HOLMES VICTIMS

Chicago, Ill., Sept. 12.—For more
than 20 years the disappearance of
Minnie Williams was a mystery. She
was believed to have been one of the
victims of Herman Webster Mudgett,
alias H. H. Holmes, whose "castle" at
Sixty-first and Wallace streets was be-
lieved to have contained the bodies of
several of Holmes' victims.

William Raetz, while plowing on
his farm near Momence, Ill., uncovered
a human body. The body is be-
lieved by the police at Momence to
have been that of Minnie Williams,
Holmes' third bigamous wife, whom
he had hired as a stenographer and
was alleged to have slain.

Two other bodies were also un-
earthed. At the time of the Holmes
investigation he was believed to have
had a private graveyard near Mo-
mence. Holmes was hanged in 1896
in Philadelphia for the murder of
William Pletzal and two children.

Wilson Approves Dismissal.

Washington, Sept. 12.—President
Wilson has approved the sentence of
dismissal from the army and three
years' imprisonment in the federal pen-
itentiary imposed by a court-martial at
San Francisco upon Captain Joseph H.
Griffiths of the quartermaster corps of
the army, charged with embezzling
about \$5,000.

Veteran Is Dead at 118.

Sacramento, Cal., Sept. 12.—God-
dard E. Diamond, a veteran of three
American wars, is dead at the age of
118 years at the Old Soldiers' Home at
Yountville, Cal.

The Rock Island Argus
12 setembro de 1912

Final da amostra do livro

H. H. Holmes, o 1º serial killer americano

Apoie e adquira o seu no Catarse!

